

TIPOS SÓCIOANTROPOLÓGICOS NO ROMANCE BRASILEIRO: RO: NOTA PRÉVIA A UM LIVRO EM PREPARO

Gilberto Freyre

Presidente do Conselho Diretor do IJNPS,
antropólogo-sociólogo e escritor

A pesquisa que foi recentemente empreendida no Recife — na Universidade Federal de Pernambuco em conjunto com o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais — por iniciativa e segundo orientação do autor desta nota prévia, em torno de “tipos sócioantropológicos no romance brasileiro”, de início precisou seus objetivos quanto ao que devesse ser entendido por “tipos sócioantropológicos” e por “romance brasileiro”.

Quanto aos tipos antropológicos, estabeleceu-se que seriam os étnico-constitucionais, menos que os puramente étnicos, anotando-se — quando possível — dos característicos que definem etnias supostamente puras, ou mistas, os apresentados por personagens de romances: cor de pele, cor e qualidade de cabelo e de olhos, formas de nariz e de lábios, sendo considerados os gerais. Quanto aos que caracterizam constituições, temperamentos, personalidade, os procurados para efeitos estatísticos, gerais e comparativos, forem: o brevilíneo em contraste com o longilíneo ou o misto; o introvertido em contraste com o extrovertido ou o misto; o dionisiaco em contraste com o apolíneo ou o misto; estatura; os sinais de ofício ou de profissão, longamente exercida; as formas de corpo e de personalidade; as marcas de doenças, de acidentes ou de vícios, por acaso deformadoras das mesmas formas de corpo ou de personalidade. Sinais, estes, raramente encontrados; mas, quando encontrados, significativos para a apreciação do conjunto psicossomático de cada indivíduo biológico socializado em pessoa e, como pessoa,

presente em romance ou novela, como pessoa dramática e nesse romance ou nessa novela representando, de modo simbólico, aquele papel social que representaria, se fosse pessoa real e não fictícia, na vida real. Papel social de personagem que o Professor Jean Duvignaud procura analisar em personagens de drama em sua notável *Sociologie du Theatre*: obra da qual não existe exato equivalente sob o aspecto de uma sociologia do romance, embora seja igualmente notável, a esse respeito, o estudo, menos amplo ou menos compreensivo, que é o ensaio de Roger Caillois sobre a sociologia da novela.

Estabelecidos os tipos antropológicos conforme esses característicos inatos e adquiridos e expressivos, quer da formação, quer da deformação de físico e de íntimo de personalidades, concordaram os pesquisadores da pesquisa com o seu idealizador e orientador — o autor desta nota prévia — em anotar, quanto possível, as situações ecológicas, físicas, geográficas, sociais, culturais, dentro das quais, nos romances ou novelas considerados, os personagens se movessem ou pelas quais parecessem ter sido decisivamente influenciadas em sua formação psicossocial, sócio cultural, sócioeconômica, quando heróis ou mesmo quando vilões ou neutros ou mistos, ou em sua deformação, nesses mesmos planos, menos como heróis do que vilões susceptíveis de ser considerados vítimas, menos de fatores genéticos, hereditários, irreduzíveis, do que de circunstâncias ecológicas e sociais que pudessem, até certo ponto, ter sido removidas ou atenuadas a favor de indivíduos biológicos hipoteticamente sadios degradados em pessoas sociais romanesca-mente viciosas, perversas, vis, como são de ordinário os vilões das novelas mais convencionais.

Estabelecidos esses limites para objetivos — aliás amplos — da pesquisa, foi ela iniciada com um caráter que se concordou fosse experimental. Quase aventureiro.

E é evidente que no estudo do problema de tipos humanos no romance brasileiro, não se deixou de considerar os "modelos" oferecidos pelos romancistas mais notáveis da Europa e dos Estados Unidos. Os clássicos e os modernos, desde um Defoe a um Henry James. Desde Balzac a Proust.

Sem resvalar em qualquer dos exageros melodramáticos em que, por vezes, resvalou Balzac, um mais agudo realismo psicológico resguardou Proust desses exageros. Também um mais objetivo realismo sociológico. Esse realismo, em prejuízo do maior apuro estético na expressão romanesca. Os Goncourt, sem irem a excessos românticoídes, combinaram, de modo muito seu, realismo a apuro estético da expressão e até da composição.

Resguardados de excessos românticos, outros romancistas, dos de maior relevo na sua arte, passaram a dar à antropologia dos seus personagens uma realidade apoiada numa observação mais exata e mais atenta àquelas palavras e gestos que significativos, no comportamento de um homem, quase sempre definem melhor o tipo de personalidade a que esse homem, como pessoa individual, pertence, do que suas exterioridades mais ostensivas de conduta ou de ética. De algum modo, tais romancistas e também os russos — sobretudo Tolstoi — e, nos nossos dias, mais do que qualquer outro, Thomas Mann, André Malraux e Faulkner, juntando à criação romanesca métodos intuitivamente psicológicos, sociológicos e históricos de biografar seus personagens, associando-os ao tempo social — um tempo simultaneamente associado pelos mesmos romancistas ao comportamento dos seus personagens — anteciparam-se a Freud, a Jung e a Ruth Benedict. Seus romances suprem o antropológico, o sociólogo, o psicólogo, o historiador, o biógrafo cientificamente orientado em suas técnicas de análise e de interpretação, de valiosas sugestões além de quase-científicas, quase-filosóficas, para a classificação de indivíduos em tipos antropológicos, sem desprezo do que neles, indivíduos, seja socialmente pessoal ou biologicamente individual. Pois como nas personalidades biografadas por biógrafos ou historiadores geniais — o Cardeal Manning, por Strackey, por exemplo — nos personagens de romances de grandes autores, são mais visíveis do que nas pessoas não-fictícias ou não biografadas os traços característicos de interesse científico ou de expressão filosófica que contenham pessoas simplesmente comuns ou personalidades excepcionais ou extraordinárias.

A referência a pessoas simplesmente comuns, como sujeitos-objetos de romances e de biografias, tanto quanto de estudos antropológicos, sociológicos e histórico-sociais que sejam também biográficos, nos leva a considerar o fato de romancistas, historiadores sociais e antropólogos modernos virem considerando — à maneira, também neste ponto, pioneira, de Cervantes com relação a Sancho — com crescente interesse tais pessoas, sujeitos-objetos dignos de ser biografados e de, biografados, concorrerem para nosso mais profundo e mais extenso conhecimento do Homem através de expressões menos notáveis ou menos ilustres dos seus diferentes tipos antropológicamente significativos: “sargento de milícias”, como o herói do romance de Almeida; o “bom crioulo”; o “moleque Ricardo”; Balduino, o pequeno burocrata Gonzaga de Sá; e na melhor literatura francesa chamada de ficção é obra-prima de personagem sociológico esteticamente fixado Germaine Lacerteux. Vem-se continuando a dar a Cesar o que é de Cesar: ao homem comum o que é do homem comum — comum e representativo; e ao incomum, o que nele é misto de representativo e de atípico.

A matéria é, entretanto, complexa. Inúmeras suas correlações com assuntos vizinhos. Difíceis as identificações propriamente antropológicas em novelas ou romances, vários deles, difusos ou vagos na caracterização, quer de personagens, quer dos meios sociais em que os autores dessas novelas ou desses romances vêm colocando seus heróis e seus vilões.

A verdade, porém, é que, no seu mais de século e meio de esplendor, o romance ou a novela ao mesmo tempo que abrangeu, na Europa e nos Estados Unidos, primores de forma estética, alcançou grande amplitude como forma de interpretação e de crítica do comportamento humano. E esses seus triunfos tiveram repercussão no Brasil. Daí sua numerosa produção ter se constituído, quer naquelas áreas, quer entre nós, numa riqueza de material artístico que é superado por outra e maior riqueza: o material de interesse, além de histórico, antropológico, psicológico contido nas suas páginas. Riqueza que apenas começa a ser entrevista. O trabalho que agora se publica — resultado de pesquisa realizada no Brasil, por estudantes brasileiros e com material brasileiro — talvez possa ser considerado contribuição pioneira para a interpretação sob novo critério de material tão valioso.

Repita-se que o assunto, tal como foi agora tratado no Brasil — quer à base da referida pesquisa, quer através do intuir do autor dos ensaios que livro a aparecer breve vai reunir: *Heróis e Vilões no Romance Brasileiro* — não parece ter sido objeto, em qualquer país, nem de pesquisa tão ampla e com pretensões a tão compreensiva como a recentemente empreendida por brasileiros, nem dos mesmos modos de intuir, de sentir e de interpretar que caracterizam os mesmos ensaios. Têm-se levantado interpretações de personagens de romances como tipos psicológicos. Pio Baroja chegou a considerar relações entre aparências psicossomáticas menos de tais personagens do que de homens concretos, com suas personalidades, mostrando-se, como romancista, sensível às mesmas relações. Recentemente, empreendeu-se, na União Soviética, pesquisa, é claro que ideologicamente dirigida, para apurar-se que qualidades o público russo-soviético apreciaria nos heróis de romances, dessas qualidades salientando-se, como uma das mais importantes, a lealdade às instituições soviéticas. O que — sabendo-se da inquietação atual de jovens russos contra essas instituições — parece tornar precária a idoneidade sociológica de pesquisa tão apologética.

A verdade parece ser que, nos vários romances nacionais — o russo pré-soviético, o inglês, o francês — vêm se refletindo, de modo geral, em seus heróis e em seus vilões defeitos ou qualidades mais contudentes valorizadas nas respectivas sociedades e culturas; ou por elas idealizadas. Daí o crítico Graham Hough, no seu *Image and Experience* (Lincoln, 1960), apresentar como “triunfo do romance” — ou da nove-

la — de tipo clássico, o ter retratado, através de personagens — heróis e vilões — sociedades orgânicas inteiras: a Rússia de Tolstói, a França de Flaubert, a Inglaterra de Dickens. Que autor brasileiro de romance ou de novela mais terá se aproximado dessa interpretação total da sociedade brasileira como uma sociedade orgânica com heróis e vilões a se completarem, pelos seus tipos antropológicos, com as expressões desse todo orgânico? Machado de Assis não atingiu essa plenitude, embora nas fatias do todo que recortou para análise e interpretação, através de tipos simbólicos expressivamente retratados — Capitú, Quincas Borba, Dom Casmurro — fosse um intérprete exato de aspectos significativos do ethos brasileiro. Com menos profundidade do que Machado, o intérprete mais completo, através da ficção simbólica, de tipos sócioantropológicos, simbólicos, sob o aspecto de personagens, de relações desses tipos ou desses personagens com diferentes situações regionais das que vêm constituindo, o Brasil — o Rio, metrópole, o meio agrário rural, o sertanejo; o gaúcho, e até o ainda selvagem — parece ter sido primeiramente José de Alencar. Romancistas mais novos do que ele se vêm todos especializando na criação de personagens que, como tipos antropológicos, correspondem a condicionamentos regionais de sua situação étnica, das suas formas de corpo, de sua constituição, de sua personalidade e das relações dessas personalidades com meios e tempos sociais regionalmente diversos. Pois com os condicionamentos regionais devem ser considerados os temporais.

Sabe-se que o Professor Fabio Lucas, da Universidade Federal de Minas Gerais, vem estudando “o processo histórico de urbanização da ficção nacional”: estudo de que decerto resultará — como o assunto exige — um livro documentado e esclarecedor. Estudos especializados sobre romancistas brasileiros — inclusive o da norte-americana Dorothy Loss sobre o romance brasileiro na sua fase “naturalista” — vêm concorrendo para dar relevo a esses aspectos do assunto: o temporal e o regional. O trabalho realizado pelo grupo de estudantes de Antropologia do Recife, sob a direção do fundador quer do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, quer do Seminário de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco, sobre “tipos sócioantropológicos no romance brasileiro” pretendeu alcançar os dois aspectos e dar à análise do tema aquela amplitude que o critério antropológico total — até filosófico — ultrapassando o apenas sociológico ou o somente histórico ou o exclusivamente psicológico permite que se dê a estudos científico-humanísticos. O que, entretanto, foi compreendido antes como tentativa, experimento e até aventura, do que como pesquisa científica que pretendesse ser definitiva no seu desbravamento da matéria.

Tão pouco pretendeu o orientador da mesma pesquisa e autor dos ensaios que à base do seu intuir, constituem a maior parte do livro *Heróis e Vilões no Romance Brasileiro*, a aparecer breve, apresentar-

se senhor exclusivo da matéria. Também se considera mais aventuroso que sistemático nas suas sugestões mais particulares em torno de assunto tão complexo.

Os personagens de romance — seja o romance brasileiro ou russo, francês ou inglês, argentino ou angloamericano — não se movem, a não ser excepcionalmente, em vazios sociais. Nem vazios de meio nem vazios de tempo. Não há, nem para a maioria de personagens comuns, nem para a minoria dos excepcionais, situações de seres artificiais de todo independentes dos seus meios e dos seus tempos. Daí, na pesquisa recifense, ter-se dividido o tempo social em patriarcal e pós-patriarcal e, assim dividido, relacionado com fatores antropológicos vários: sexo, idade, constituição; etnia — ou transetnia — profissão, classe, religião, vários outros.

Na própria ficção chamada científica ou fantástica se encontram substitutos desses meios e desses tempos que são sociais e em alguns casos até históricos, movendo-se certos personagens, dentro deles, como indivíduos que, imaginativamente socializados em pessoas, estivessem sendo biografados. É o que acontece com certos personagens do romancista brasileiro Machado de Assis como Capitú, que chega a nos sugerir, através do oblíquo de suas atitudes, um tipo antropológico de mulher mestiça que, socialmente na defensiva, passasse, por vingança, à ofensiva. Sugestões de tipos sócioantropológicos — do possível ajuste deles, ou do seu comportamento, a classificações validamente científicas — encontram-se também, no romance brasileiro, no "o bom crioulo", no "moleque Ricardo", em "Balduino", em "Gabriela", nos heróis de José Américo de Almeida, no "tio Gonzaga", no "Mulato", em personagens de Octávio de Faria, de Herberto Sales e de Lucio Cardoso e nos de novelas mais recentes nas quais se abrem novas perspectivas à ligação do individual com o social, do psicológico com o sociológico, em nossa literatura. Nos de José Cândido de Carvalho, por exemplo.

Aqui ficam indicados, em simples nota prévia, quer os rumos gerais da pesquisa antropológica e sociológica empreendida recentemente, de modo pioneiro, no Recife, quer, os rumos gerais de interpretação mais livre que condicionada do assunto a ser oferecido, em livro de ensaios a ser publicado breve, pelo idealizador e orientador da mesma pesquisa. Ensaios igualmente pioneiros sobre a matéria.

Tente-se aqui, em conclusão, um pequeno confronto do romance da era patriarcal com o da era pós-patriarcal. Pequeno e superficial no que sugere dentro dos limites de uma nota prévia, de diferentes condicionamentos do romance passível de ser caracterizado como moderno, por esses dois tempos sociais. Tempos sociais diferentes e sob alguns aspectos, contraditórios.

Percebe-se, através do romance pós-patriarcal, o enfraquecimento da autoridade do pai ou do patriarca na família e no meio social; o começo de ascensão da mulher como pessoa menos dependente do homem; o começo da ascensão do jovem como pessoa menos dependente dos provetos e menos respeitoso deles; a crescente liberdade dos jovens com relação à escolha de esposa e até de esposo; o aparecimento de pessoas de origem social modesta e até de indivíduos de cor — não só indianoídes (já exaltados por José de Alencar) como negroides sob o aspecto de heróis. O começo, portanto, da crescente consagração de jovens morenas como heroínas: expressões de uma idealização da morenidade que se acentuaria na segunda metade do século XIX. Maior tendência para casamentos, menos fora de geração, e mais fora de etnia, fora de classe, fora de região, por decisão romântica de heróis jovens contra os para alguns deles — e para alguns autores — vilões idosos e provetos, isto é, pais, mães, parentes, avós, famílias inteiras. Os heróis individuais contra as famílias anti-heróicas. Os indivíduos contra a espécie — no caso, quase sempre, a família em declínio como poder decisivo em assuntos de uniões matrimoniais. No romance pós-patriarcal, se projeta uma maior liberdade nas relações entre os sexos. Uma maior idealização da juventude dos heróis. Também uma maior idealização de costumes urbanos, embora continuando a haver, em alguns romances, certa romantização das origens rurais de heróis ou de heroínas. O próprio negro surge, como herói, em romances marcantes: saliente-se *O Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, destaque-se *O Moleque Ricardo*, de José Lins do Rego, também o Balduino, de Jorge Amado. O rico surge como vilão em alguns romances nos quais é vencido, como amoroso, pelo herói pobre. O ameríndio quase desaparece como herói, embora não surja como vilão.

Quanto à técnica, a linguagem dos romances da era pós-patriarcal apresenta-se mais solta do que a da era patriarcal. Mais brasileira, embora em Machado de Assis esse abraqueiramento da língua portuguesa de modo algum signifique relaxamento na expressão. Essa alteração — que na década 20 deste século chegaria a extremos de anti-purismo — se liga ao fato de que o romance da era pós-patriarcal se realiza, mais que o seu predecessor, através de maior dialogação. Deixa de ser simples descrição para tornar-se, em vários casos, mais expressivo. Impressionista com Raul Pompéia, atinge em algumas páginas de *O Ateneu* primores estéticos de linguagem inovadora no setor da narrativa romanesca e no da caracterização de tipos humanos. Aristarco, por exemplo.

Os temas tornaram-se também mais livres de convenções. O que se verifica como projeção sobre autores e leitores de um novo tempo social. Impossível imaginar-se *O Mulato* — tendo como herói tipo antropológico tão pungente — ou *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, sendo

escrito nos dias mais puros da era patriarcal. Impossível conceber-se *O Missionário* de Inglez de Souza, — outra situação pungente que não se desprende de circunstâncias antropológicas caracteristicamente brasileiras — como produto da era patriarcal na sua plenitude. Ou José Lins do Rego idealizando, nos dias patriarcais, o quase caricaturesco Vitorino Papa-Rabo, e deixando tão a nu a fraqueza dos patriarcas ortodoxos.

É mais incisiva a crítica social — em Lima Barreto e no próprio Graça Aranha de *Canaan*, para não falar nos mais recentes — no romance da era pós-patriarcal que no da era patriarcal. Observe-se, porém, que na era patriarcal, se um João Francisco Lisboa e um Padre Miguel do Sacramento, um Lopes Gama — cronistas desabusados — tivessem sido romancistas, teriam sido veementes na sua crítica social. Social e por vezes quase sociológica. (*)

(*) — Ao texto seguem-se em anexos indicações em termos estatísticos de proporcionalidade entre os personagens dos romances das duas fases sociais brasileiras consideradas na pesquisa — a patriarcal e a pós-patriarcal — e fatores biológicos ou biossociais como etnia, sexo, idade, constituição, saúde, e sócio-culturais, de meio e de tempo, como estado civil, profissão, religião, situação social, origem, educação, ambiente de maior duração de vida, divertimentos e passatempos, características de traje, vícios, características de personalidade.

ANEXO I

Pesquisa sobre Tipos Sócioantropológicos no Romance Brasileiro
Período Eminentemente Patriarcal

1. SEXO

Tipo Social de personagem segundo o romance	S E X O	
	Masculino	Feminino
Herói.....	26,6%	22,2%
Vilão.....	11,2%	2,4%
Misto.....	10,3%	4,3%
Neutro.....	14,6%	8,4%

2. IDADE

Tipo social de personagem segundo o romance	I D A D E					
	0 a 10: anos criança	11 a 19 adolescente	20 a 35a mocidade	36 a 50a maturi- dade	50 + anos velho	Sem referência
Herói.....	0,7%	7,7%	28,4%	6,4%	2,6%	2,9%
Vilão.....	0,0%	0,2%	7,0%	4,0%	2,2%	0,2%
Misto.....	0,0%	1,0%	6,5%	3,6%	2,4%	1,2%
Neutro.....	0,0%	1,7%	9,6%	7,2%	2,6%	1,9%

3. PROFISSÃO E ATIVIDADE CARACTERÍSTICA

Tipo social de personagem segundo o romance	PROFISSÃO E ATIVIDADE CARACTERÍSTICA						
	Intelectual	Doméstica	Burocrata	Rendas e Usufrutos	Mecânica ou Manual	Grande e Peq. Prop. Rural	Outras
Herói.....	5,5%	18,6%	1,2%	1,7%	4,5%	1,0%	16,3%
Vilão.....	1,4%	2,2%	0,7%	0,7%	0,7%	1,0%	7,0%
Misto.....	2,2%	3,3%	0,5%	0,5%	1,0%	1,2%	6,0%
Neutro.....	2,6%	6,4%	1,9%	0,5%	1,4%	2,6%	7,4%

4. ESTADO CIVIL

Tipo social de personagem segundo o romance	ESTADO CIVIL				
	Solteiro	Casado	Amigado	Viúvo	Sem referência
Herói.....	32,3%	9,8%	1,0%	2,4%	3,3%
Vilão.....	7,5%	4,0%	0,5%	0,5%	1,2%
Misto.....	7,0%	4,3%	1,2%	1,9%	0,2%
Neutro.....	10,0%	8,6%	0,7%	1,9%	1,7%

5. SITUAÇÃO SOCIAL

Tipo social de personagem segundo o romance	SITUAÇÃO SOCIAL									
	URBANA					RURAL				
	Alta	Média			Baixa	Alta	Média			Baixa
		alta	média	baixa			alta	média	baixa	
Herói.....	3,8%	6,7%	12,4%	4,3%	1,2%	2,9%	5,0%	4,3%	6,0%	2,2%
Vilão.....	0,5%	1,9%	2,9%	1,9%	0,5%	0,7%	1,2%	1,4%	1,7%	1,0%
Misto.....	2,6%	1,9%	3,8%	0,2%	0,7%	0,5%	1,0%	1,2%	1,2%	1,4%
Neutro.....	0,7%	2,2%	6,2%	3,1%	0,5%	2,2%	2,6%	2,4%	1,7%	1,4%

6. ETNIA

Tipo social de personagem segundo o romance	E T N I A					
	Branca	Negra	Provavelmente branca	Mestiço	Ameríndio	Sem referência
Herói.....	10,8%	1,0%	17,9%	8,9%	0,7%	9,6%
Vilão.....	3,6%	0,2%	4,5%	1,4%	0,5%	3,3%
Misto.....	4,3%	0,7%	4,5%	1,4%	0,0%	3,6%
Neutro.....	6,0%	0,5%	8,1%	0,5%	1,0%	7,0%

7. TIPO FÍSICO

Tipo social de personagem segundo o romance	T I P O		
	Longilíneo	Brevilíneo	Sem referência
Herói.....	13,9%	2,6%	32,3%
Vilão.....	3,6%	1,7%	8,4%
Misto.....	3,8%	1,2%	9,6%
Neutro.....	3,5%	3,1%	16,3%

8. ORIGEM DO PERSONAGEM

Tipo social de personagem segundo o romance	O R I G E M			
	Brasileira	Estrangeira	Portuguesa	Sem referência
Herói.....	42,3%	1,2%	1,2%	4,0%
Vilão.....	9,3%	1,0%	1,2%	2,2%
Misto.....	11,5%	1,2%	0,2%	1,4%
Neutro.....	19,6%	1,2%	0,7%	1,4%

9. AMBIENTE DE MAIOR DURAÇÃO NA VIDA DO PERSONAGEM

Tipo social de personagem segundo o romance	A M B I E N T E				
	Rural	Urbano	Nómade	Rurbano	Sem referência
Herói.....	14,1%	18,9%	0,2%	1,7%	13,9%
Vilão.....	3,3%	2,9%	0,0%	0,5%	7,0%
Misto.....	3,3%	7,9%	0,0%	0,0%	3,3%
Neutro.....	5,8%	8,4%	0,0%	0,2%	8,6%

10. AMBIENTE DE MAIOR DURAÇÃO NA VIDA DO PERSONAGEM

Tipo social de personagem segundo o romance	A M B I E N T E					
	Corte ou Capital Federal	Capital do Estado e Província	Outros meios urbanos	Interior	Exterior	Sem referência
Herói.....	11,0%	10,5%	1,9%	21,3%	0,5%	3,6%
Vilão.....	1,2%	2,4%	1,0%	5,5%	0,0%	3,6%
Misto.....	4,5%	3,1%	0,2%	6,0%	0,5%	0,2%
Neutro.....	5,7%	4,1%	1,7%	10,3%	0,2%	1,0%

11. EDUCAÇÃO

Tipo social de personagem segundo o romance	E D U C A Ç Ã O					
	Superior	Média	Doméstica	Alfabetizada	Rústica	Sem referência
Herói.....	9,1%	12,7%	3,1%	6,7%	8,7%	8,5%
Vilão.....	2,8%	1,7%	0,0%	1,4%	3,1%	4,5%
Misto.....	3,3%	5,5%	0,0%	1,4%	1,8%	2,6%
Neutro.....	2,8%	4,8%	0,7%	3,8%	4,1%	6,7%

12. DIVERTIMENTOS E PASSATEMPOS

Tipo social de personagem segundo o romance	D I V E R T I M E N T O S E P A S S A T E M P O S			
	Intelectuais	Esportivos	Mundanos	Sem referência
Herói.....	5,5%	3,1%	4,1%	30,5%
Vilão.....	0,0%	0,2%	3,4%	10,3%
Misto.....	1,9%	0,2%	3,4%	8,8%
Neutro.....	2,4%	2,7%	3,1%	14,8%

13. SAÚDE

Tipo social de personagem segundo o romance	S A U D E				
	Boa	Má	Regular	Provavelmente boa	S/referência
Herói.....	26,8%	4,3%	2,2%	14,4%	1,2%
Vilão.....	9,1%	0,9%	0,5%	2,6%	0,5%
Misto.....	6,7%	3,8%	1,2%	2,1%	0,8%
Neutro.....	10,3%	2,6%	0,5%	8,3%	1,2%

14. CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS DE TRAJO

Tipo social de personagem segundo o romance	CARACTERÍSTICAS DE TRAJO					
	Elegante	Rústico	Regional	Simbólico	Selvagem	S/referência
Herói.....	8,6%	0,9%	0,8%	3,8%	0,2%	34,4%
Vilão.....	2,4%	0,2%	0,0%	1,9%	0,0%	9,1%
Misto.....	3,1%	0,5%	0,5%	0,5%	0,0%	10,0%
Neutro.....	4,3%	1,2%	0,0%	1,0%	0,8%	15,8%

15. VÍCIOS

Tipo social de personagem segundo o romance	V Í C I O S		
	Significantes	Insignificantes	S/Referência
Herói.....	0,5%	5,5%	42,8%
Vilão.....	1,0%	2,6%	10,0%
Misto.....	1,0%	2,9%	10,7%
Neutro.....	0,2%	1,9%	20,9%

16. CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE

Tipo social de personagem segundo o romance	CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE			
	Introvertido	Extrovertido	Mais introvertido que extrovertido	Mais extrovertido que introvertido
Herói.....	20,9%	10,7%	12,7%	4,5%
Vilão.....	5,7%	6,0%	1,0%	1,0%
Misto.....	5,7%	4,1%	3,8%	1,0%
Neutro.....	8,1%	6,7%	5,5%	2,6%

17. CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE

Tipo social de personagem segundo o romance	CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE			
	Apolinea	Dionísíaca	Socialmente normal	Socialmente anormal
Herói.....	35,6%	13,1%	44,5%	4,3%
Vilão.....	7,2%	6,5%	8,1%	5,5%
Misto.....	9,6%	5,0%	11,2%	3,4%
Neutro.....	13,9%	9,1%	21,3%	1,7%

ANEXO II

*Pesquisa sobre Tipos Sócioantropológicos no Romance Brasileiro
Período Pós-patriarcal: síntese do material examinado*

1. SEXO

Tipo social de personagem segundo o romance	S E X O	
	Masculino	Feminino
Herói.....	34,2%	19,7%
Vilão.....	6,8%	3,4%
Misto.....	6,0%	1,7%
Neutro.....	18,8%	9,4%

2. IDADE

Tipo social de personagem segundo o romance	I D A D E					
	0 a 10 anos criança	11 a 19 adolescente	20 a 35a mocidade	36 a 50a maturidade	50 + anos velho	Sem referência
Herói.....	0,9%	5,1%	35,0%	11,1%	1,7%	0,0%
Vilão.....	0,0%	0,0%	6,0%	4,3%	0,0%	0,0%
Misto.....	0,0%	0,0%	6,8%	0,9%	0,0%	0,0%
Neutro.....	0,0%	0,0%	11,1%	14,5%	1,7%	0,9%

3. PROFISSÃO E ATIVIDADE CARACTERÍSTICA

Tipo social de personagem segundo o romance	PROFISSÃO E ATIVIDADE CARACTERÍSTICA						
	Intelectual	Doméstica	Burocrata	Rendas e Usufrutos	Mecânica ou Manual	Grande e Peq. Prop. Rural	Outras
Herói.....	6,8%	9,4%	6,8%	0,0%	7,7%	0,9%	22,2%
Vilão.....	0,9%	0,9%	0,9%	0,0%	0,0%	0,9%	6,8%
Misto.....	2,6%	1,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	3,4%
Neutro.....	5,1%	7,7%	5,1%	0,0%	3,4%	0,0%	6,8%

4. ESTADO CIVIL

Tipo social de personagem segundo o romance	ESTADO CIVIL				
	Solteiro	Casado	Amigado	Viúvo	Sem referência
Herói.....	34,2%	13,6%	0,9%	3,4%	1,7%
Vilão.....	5,1%	4,2%	0,0%	0,9%	0,0%
Misto.....	6,0%	0,9%	0,9%	0,0%	0,0%
Neutro.....	17,9%	7,7%	0,0%	0,0%	2,6%

5. SITUAÇÃO SOCIAL

Tipo social de personagem segundo o romance	SITUAÇÃO SOCIAL									
	URBANA					RURAL				
	Alta	Média			Baixa	Alta	Média			Baixa
		alta	média	baixa			alta	média	baixa	
Herói.....	0,0%	6,8%	24,8%	10,2%	3,4%	0,0%	0,0%	1,7%	4,2%	2,6%
Vilão.....	0,0%	2,6%	4,3%	0,9%	0,9%	0,0%	0,9%	0,9%	0,0%	0,0%
Misto.....	0,0%	1,7%	5,1%	0,9%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Neutro.....	0,0%	1,7%	16,2%	4,2%	0,0%	0,0%	0,0%	1,7%	0,9%	3,4%

6. ETNIA

Tipo social de personagem segundo o romance	E T N I A					
	Branca	Negra	Provavelmente branca	Mestiço	Ameríndio	Sem referência
Herói.....	9,3%	0,0%	23,8%	11,1%	0,9%	8,5%
Vilão.....	0,9%	0,9%	3,4%	2,6%	0,0%	2,6%
Misto.....	1,7%	0,9%	2,6%	0,9%	0,0%	1,7%
Neutro.....	6,0%	1,7%	8,5%	6,0%	0,0%	6,0%

7. TIPO FÍSICO

Tipo social de personagem segundo o romance	T I P O		
	Longilíneo	Brevilíneo	Sem referência
Herói.....	10,3%	3,4%	40,1%
Vilão.....	2,6%	0,9%	6,8%
Misto.....	1,7%	0%	6,0%
Neutro.....	8,5%	0,9%	18,8%

8. ORIGEM DO PERSONAGEM

Tipo social de personagem segundo o romance	O R I G E M			
	Brasileira	Estrangeira	Portuguesa	Sem referência
Herói.....	46,1%	6,8%	0%	0,9%
Vilão.....	7,7%	0,9%	0,9%	0,9%
Misto.....	6,0%	1,7%	0,0%	0,0%
Neutro.....	24,7%	3,4%	0,0%	0,0%

9. AMBIENTE DE MAIOR DURAÇÃO NA VIDA DO PERSONAGEM

Tipo social de personagem segundo o romance	A M B I E N T E				
	Rural	Urbano	Nômade	Rurbano	Sem referência
Herói.....	2,6%	38,5%	0%	0%	12,8%
Vilão.....	0,9%	7,7%	0%	0%	1,7%
Misto.....	0%	7,7%	0%	0%	0%
Neutro.....	3,4%	11,9%	2,6%	0%	10,2%

10. AMBIENTE DE MAIOR DURAÇÃO NA VIDA DO PERSONAGEM

Tipo social de personagem segundo o romance	A M B I E N T E					
	Corte ou Capital Federal	Capital do Estado e Província	Outros meios urbanos	Interior	Exterior	Sem referência
Herói.....	12,0%	16,2%	8,5%	5,1%	0,0%	11,9%
Vilão.....	5,1%	2,6%	0,9%	1,7%	0,0%	0,0%
Misto.....	4,3%	2,6%	0,0%	1,7%	0,9%	0,0%
Neutro.....	7,7%	3,4%	1,7%	6,0%	0,0%	9,4%

11. EDUCAÇÃO

Tipo social de personagem segundo o romance	E D U C A Ç Ã O					
	Superior	Média	Doméstica	Alfabetizada	Rústica	Sem referência
Herói.....	7,7%	21,3%	0,9%	11,1%	6,0%	6,8%
Vilão.....	2,6%	2,6%	0,9%	1,7%	0,9%	1,7%
Misto.....	3,4%	2,6%	0,0%	1,7%	0,0%	0,0%
Neutro.....	5,1%	10,2%	0,0%	3,4%	3,4%	6,0%

12. DIVERTIMENTOS — PASSATEMPOS

Tipo social de personagem segundo o romance	DIVERTIMENTOS E PASSATEMPOS			
	Intelectuais	Esportivos	Mundanos	Sem referência
Herói.....	4,3%	5,1%	13,7%	30,7%
Vilão.....	0,0%	1,7%	4,3%	4,3%
Misto.....	0,9%	0,0%	3,4%	3,4%
Neutro.....	3,4%	0,9%	8,5%	15,3%

13. SAUDE

Tipo social de personagem segundo o romance	S A U D E				
	Boa	Má	Regular	Provavelmente boa	Sem referência
Herói.....	35,8%	6,0%	0,9%	7,7%	3,4%
Vilão.....	3,4%	0,9%	0,9%	4,2%	0,9%
Misto.....	5,1%	0%	0,9%	1,7%	0%
Neutro.....	17,0%	2,6%	0,9%	6,8%	0,9%

14. CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS DE TRAJO

Tipo social de personagem segundo o romance	CARACTERÍSTICAS DE TRAJO					
	Elegante	Rústico	Regional	Simbólico	Selvagem	S/referência
Herói.....	11,1%	0,9%	0%	2,6%	0%	39,3%
Vilão.....	3,4%	0%	0%	0%	0%	6,8%
Misto.....	1,7%	0%	0%	0,9%	0%	5,1%
Neutro.....	6,8%	0%	0%	0,9%	0%	20,5%

15. VICIOS

Tipo social de personagem segundo o romance	VICIOS		
	Significantes	Insignificantes	S/referência
Herói.....	3,4%	6,0%	44,4%
Vilão.....	0,9%	2,6%	6,8%
Misto.....	0,9%	4,3%	2,6%
Neutro.....	0%	7,7%	20,4%

16. CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE

Tipo social de personagem segundo o romance	CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE			
	Introvertido	Extrovertido	Mais introvertido que extrovertido	Mais extrovertido que introvertido
Herói.....	29,9%	7,7%	13,7%	2,6%
Vilão.....	0,9%	7,7%	0,0%	1,7%
Misto.....	0,0%	3,4%	1,7%	2,6%
Neutro.....	9,4%	5,1%	10,2%	3,4%

17. CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE

Tipo social de personagem segundo o romance	CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE			
	Apolínea	Dionisiaca	Socialmente normal	Socialmente anormal
Herói.....	43,6%	10,2%	50,4%	3,4%
Vilão.....	0,9%	9,4%	5,1%	5,1%
Misto.....	1,7%	6,0%	7,7%	0,0%
Neutro.....	19,7%	8,5%	25,7%	2,6%